

## MULHERES NA CIÊNCIA (3)

Li com muito agrado o artigo na "Gazeta", mas gostava de fazer alguns comentários às suas conclusões. De facto, há algum tempo atrás, sendo representante de Portugal num órgão consultivo do CERN, tive necessidade de me debruçar um pouco sobre este assunto, que estava a ser discutido nesse órgão.

Na altura, consultando algumas colegas em diversos graus da carreira académica, não recolhi nenhuma queixa relativamente a formas de discriminação sexista a que tivessem sido sujeitas. Pareceu que a menor percentagem de mulheres nos quadros académicos se devia simplesmente ao facto de, por alguma razão, os cursos de Física serem menos procurados pelos alunos do sexo feminino (por razões igualmente pouco claras as mulheres são predominantes nos cursos de Química!). Nesta perspectiva, a percentagem menor de mulheres em graus superiores da carreira deve ser medida relativamente à fracção de alunas que existiam 30 anos antes, que era certamente menor que nos nossos dias.

Da discussão no órgão do CERN fiquei com a ideia que as mulheres nos países europeus do Norte eram muito penalizadas devido à alta competitividade da sociedade em geral, exigindo dos profissionais um empenho profundo. Esta realidade desfavorece muito as mulheres que têm que dar atenção à maternidade e, tradicionalmente, às tarefas domésticas e de educação infantil.

Pareceu também, dos testemunhos apresentados, que tal fenómeno não acontece tanto nos países mediterrânicos, o que está de acordo com o gráfico da p. 21, que é positivo para os países mediterrânicos, e, em particular, para Portugal.

PAULO FONTE  
LIP-Coimbra  
fonte@lipc.fis.uc.pt



## A IDA A MARTE E A "REDUZIDA

ANTÓNIO MANUEL BAPTISTA  
Professor de Física da Academia Militar (jubilado)  
ambaptista2000@yahoo.com

O "Diário de Notícias" publicou na sua edição de 18 de Abril de 2001, sob o título "A água em Marte não interessa ao Prémio Nobel", uma notícia da "lição" que José Saramago tinha proferido quando lhe foi concedido o título de Professor Coordenador Honorário do Instituto Politécnico de Leiria, na abertura do I Encontro de Escritores de Língua Portuguesa. Escreve o jornalista: *O escritor reflectiu sobre a busca de água em Marte interrogando-se É assim tão importante saber se há água em Marte? e gastar (sic) toda aquela tecnologia. Concluiu que temos água na Terra e que se há em Marte não resolve qualquer problema da Terra. Declarou, por isso, aos seus alunos, continua o jornalista, que a prioridade das novas tecnologias deve centrar-se na Terra porque a prioridade absoluta é o ser humano... Penso eu que se não deve ir a Marte, disse Saramago para quem o Cosmos pode esperar muitos séculos que os seres humanos resolvam o seus problemas na Terra e o escândalo do nosso tempo se chama fome.* Continua o jornalista: *O Nobel português fustigou a reduzida inteligência de Bush dizendo que tinha sido eleito para saldar as dívidas às multinacionais, o que para si é um sinónimo da perversidade da democracia, um regime onde os poderes políticos estão a ser esvaziados pela economia.* Não devemos duvidar do relato do jornalista, até porque não houve qualquer desmentido ou correcção nos dias seguintes à sua publicação.

Evidentemente que tão profundas convicções não podem ser revolvidas criticamente neste curto espaço. José Saramago considera como seu direito ou privilégio (democrático?) considerar o actual Presidente dos Estados Unidos como tendo "*reduzida inteligência*". Adquirimos o hábito de supor que temos o direito (democrático?) de insultar os políticos e, no caso de Bush, a referência é gratuitamente injuriosa. Julgo que Saramago deve saber das dificuldades em se definir inteligência, pelo que ninguém poderá dizer se estaremos certos ou errados se nos referirmos,

## O AFÃ DE CONHECER

Parece que o afã de conhecer faz parte do que se poderá chamar a humanidade do homem. O notável poeta Wystan Auden que, incidentalmente, cresceu numa atmosfera familiar científica, escreveu num poema o que, em vernáculo, se poderá dizer:

*Não podemos duvidar seguramente  
Da paixão que temos pelo conhecimento.  
Mas maior seria o meu contentamento  
Se pudesse melhor compreender  
Para que desejamos esse conhecimento  
Mas tenho a certeza de que a mente  
É livre de saber ou de não saber.*

Um grande humanista, Alfred Housman, escreveu que "*o conhecimento se assemelha à virtude nisto, e nisto difere das outras possessões, em não ser meramente um meio de procurar o bem, mas de ser em si mesmo o bem; não é moeda que usemos para comprar a felicidade, mas a felicidade está indissociavelmente ligada a ele*". Muitos não compreendem (Saramago deve estar entre eles) porque um notável físico e escultor, Robert Wilson, que foi fundador e director do Fermilab, o grande laboratório americano, tem esta mesma visão do erudito latinista e notável poeta que foi Housman. Num diálogo onde grande parte da comunidade científica se reconhece, o senador americano John Pastor perguntou-lhe:

*Há qualquer coisa ligado com as esperanças postas nos resultados a obter deste acelerador (do Fermilab) que de alguma forma envolva a segurança deste país?*  
— Não, senhor, respondeu Wilson, não creio.  
— Nada mesmo?  
— Mesmo nada.  
— Não tem nenhum valor a este respeito?  
— Tem apenas a ver com o respeito com que nos olhamos, a dignidade do homem, o nosso amor da cultura; tem a ver com sermos bons pintores, bons escultores, grandes poetas... Nada tem a ver directamente com a defesa do nosso país, excepto a de fazê-lo digno de ser defendido.

Esta é apenas uma parte da questão. A outra, que está no poema de Auden, é: para que serve o conhecimento? Aqui passamos da neutralidade da ciência para o comprometimento político associado às tecnologias, com os seus princípios éticos e os comportamentos morais correspondentes. Compreende-se os bárbaros quando atacam civilizações cujas instituições, modos de vida e realizações lhes são completamente estranhas. Menos desculpável é o que, exaltado (estado muito habitado por ele), Miguel de Unamuno condenava: *Castilla miserable que desprecias lo que ignoras*. Mas, em verdade, Saramago nem sequer é um bárbaro...

## INTELIGÊNCIA" DE SARAMAGO

por exemplo, à "reduzida inteligência de Saramago", aqui sem sentido insultuoso. Em verdade, possivelmente, de toda a gente se poderá dizer o mesmo, com a reserva de haver evidentes qualificações, distinções e gradações. Por exemplo, não considero "reduzida a inteligência" de Saramago por não perceber porque se realiza uma missão a Marte em que um dos objectivos principais é a procura de água líquida. A ignorância não é estupidez excepto quando, como nalgumas situações, deliberadamente se não recusa o pecado cultural que é a resistência obstinada em não querer conhecer por não se querer pensar ou discutir.

Acontece que os exobiólogos (os que estudam a possível origem e desenvolvimento da vida extraterrestre — muitos por pensarem que esse conhecimento tem relevância para o problema da origem da vida na Terra) julgam que a existência de vida exige a presença de carbono e de água líquida. Daí a importância de saber se Marte possui água líquida ou não, e de saber se a intensidade da radiação ultravioleta à superfície do planeta (outro objectivo da missão) é tal que justifique a ausência de vida à superfície, como indicou a missão *Viking*. Portanto, trata-se, aqui, do problema da vida extraterrestre, assunto que poderemos considerar mais ou menos importante ou mais ou menos interessante, segundo a nossa cultura. Por exemplo, o Secretário da Defesa, creio que de Eisenhower, Charlie, "A Locomotiva", Wilson, opunha-se a gastos com missões à Lua por não estar minimamente interessado, como dizia, "em saber se a Lua era feita de queijo ou não". Seria isto uma manifestação da "reduzida inteligência" de Wilson, Presidente que foi da General Motors?

## A FOME DO MUNDO E O AQUECIMENTO GLOBAL

Falar, igualmente, da democracia como **"um regime"** (sic) onde **"os poderes políticos estão a ser esvaziados pela economia"**, não deixa de ser motivo interessante de reflexão para marxistas, reformados ou não.

Quanto ao problema da fome no mundo é quase obscena a sua redução simplista, como o fez Saramago com uma contente e, aparentemente, auto-satisfeita "superioridade moral". Como exemplo — falando de prioridades — será que, com a fome no mundo de hoje, se justificará pagar os milhares de escudos que os livros de Saramago custam? Mas não se poderia dizer o mesmo de quase todos os bens não essenciais? Simplificar problemas não é esvaziá-los de sentido até que se anulem. É legítimo ter dúvidas sobre se alguma vez a tecnologia (braço armado da ciência) pode resolver decisivamente os grandes problemas básicos do mundo como a fome e a doença, apesar de que tudo aponta para que isto seja possível, se houver a jusante um concerto político apropriado. Mas tenhamos a certeza, e esta sim absoluta, de que, sem avanços tecnológicos tornados possíveis pela ciência, esses problemas nunca poderão ser resolvidos.

Claro que a questão das prioridades continuará sempre conosco. Mas passeando um olhar, mesmo apressado, pela história, destaca-se evidentemente que a satisfação de curiosidades foi uma das grandes forças transformadoras das sociedades. Por isso (descontando as motivações oportunistas de natureza política), os soviéticos e os americanos lançaram sondas para a Lua, Vénus e Marte e, possivelmente, o século XX será singularizado no futuro como aquele onde se começou a explorar seriamente, isto é, cientificamente, o sistema solar. O espaço surge como uma nova fronteira no conhecimento científico e aqui as tecnologias são levadas a extremos das suas potencialidades influenciando, assim, o curso da ciência. Se alguma coisa aprendeu o homem desde há cerca de trezentos anos foi que o conhecimento científico se traduz também, invariavelmente, em benefícios insuspeitados até pelos seus criadores. E, no espaço, já habitam sistemas de comunicações, de navegação, sondas meteorológicas, sistemas globais de estudo da Terra, etc. Desta forma aprendemos também que nada se pode excluir das capacidades do homem sem diminuir com isso a sua humanidade.

Ah... Claro que estamos contra a decisão de Bush (entre outras) quanto aos acordos de Quioto, por termos algum respeito por um certo consenso científico em matéria tão difícil sobre o conhecimento adquirido que poderá estar, até, nalguns pontos, menos correcto, como certamente estará incompleto. No entanto, tudo indica que o homem provoca pela sua actividade um aquecimento do planeta com possíveis consequências catastróficas, e os cientistas lembram aqui, na precaução, a aposta de Pascal, mas sem um prémio tão elevado e, igualmente, sem uma entrada tão custosa. É um problema complexo e sério que não se resolve trocando insultos fáceis ao alcance de todos, mesmo sem uma grande e, até, premiada, imaginação literária... Não deixa de ser irónico observar viverem os Prémios Nobel da Literatura da "luz emprestada" (com vénia a Pessoa) do prestígio, justificado, dos científicos. E isto não porque os cientistas sejam mais inteligentes (outra vez a inteligência...) ou mais sensatos ou mais qualquer outra coisa, mas porque a sua especial matéria — o estabelecimento duma correspondência do pensamento com uma realidade independente do pensamento — oferece uma garantia de objectividade de outra forma inatingível.

Nada do que se diz tem importância quando as vozes mal se distinguem dos ruídos em que mereciam ficar sepultadas. Mas, quando ressaltam do trampolim, que é um prémio Nobel, podem encontrar ressonâncias numa juventude que ainda não acordou de um sono de séculos. Isso é potencialmente perigoso e deve ser denunciado.

**"Porque a prioridade absoluta é o serhumano"**, como diz Saramago, devemos recordar que o homem só verdadeiramente se realiza quando se supera. E onde o consegue mais evidentemente do que na investigação científica? O homem sobe ao Everest e goza de uma paisagem que poucos viram. Na ciência, o homem revela paisagens novas que todos podem, em princípio, contemplar. Não deixa de ser irónico saber-se que Saramago escreveu longamente sobre a cegueira...